



**REFLEXÃO SOCIOLÓGICA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA  
OPERAÇÃO MILITAR ESPECIAL RUSSA NA UCRÂNIA: CONFLITO OCIDENTE  
VS EURÁSIA E O PAPEL/LUGAR DA ÁFRICA NO PANORAMA DO MUNDO  
MULTIPOLAR EM ASCENSÃO (2022)**

**Eduardo Sala (autor) <sup>1</sup>**

**Submissão/aprovação: 25/01/2023**

**Resumo:** Apesar de pouco ser mencionada nos holofotes das mídias ocidentais e periféricas diante da realidade de uma guerra híbrida, econômica e guerra por procuração do coletivo ocidental contra a Federação Russa no palco ucraniano, o continente africano não pode ser ignorado e constitui uma região de enorme dimensão estratégica geopolítica, isso levando em conta o enorme potencial demográfico, geográfico e um número recorde de países que aquele continente alberga. África possui cerca de 32.000.000.00 (trinta e dois milhões) de quilômetros ao quadrado, 1.400.000.000.00 (um bilhão e quatrocentos milhões) de habitantes, que simultaneamente representa a população mais jovem do mundo e conseqüentemente a maior força de trabalho ativa em constante crescimento. São 55 países que formam uma organização regional (UA) e um número considerável de votos na assembleia geral da ONU, um mosaico rico e abundante em diversos recursos naturais raros como o gás natural, o petróleo, o urânio, ouro, diamante entre outros. Sem contar que o continente está localizado numa região estratégica, no centro do globo e interligado a Eurásia. Todos estes fatores fazem da África uma das peças-chave no tabuleiro geopolítico em curso e abre o caminho para uma disputa entre os polos em conflito sobre em qual deles a África e os africanos se alinharão ou olharão, o que em certa medida dependerá do curso e dos resultados do conflito na Ucrânia. É pertinente destacar que o principal objetivo do presente artigo é evidenciar dados que determinam a posição dos estados africanos diante do conflito OTAN/EUA vs Rússia na Ucrânia, problematizar os motivos por detrás de tais posições e analisar os novos horizontes a partir de olhares endógenos e exógenos dos africanos, visando os interesses da África (UA) e sua afirmação diante do mundo multipolar em ascensão.

**Palavras-chave:** Sociologia, relações internacionais, mundo multipolar, África.

## **1. INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> É mestrando em Educação pela UFSC, especialista em Docência pelo IFSC, graduado-bacharel em Humanidades e graduando em Sociologia pela UNILAB. Este artigo é um trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Sociologia, do curso de licenciatura plena em Sociologia-Instituto de Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, sob a orientação do prof. Dr. Sebastião André Alves de Lima Filho. Contacto: eduardosala200@gmail.com.

Guadi Calvo, Calvo (2022):

*Mesmo que tenha muito a dizer, a África nunca é ouvida, muito menos no contexto de grandes crises internacionais, como no caso da Ucrânia, que absorveu a atenção de todos e empurrou os 1,22 bilhões de africanos para o último lugar nos interesses do mundo. Como é agora uma tradição diária nos diferentes cenários das guerras que o Ocidente projetou para o continente, as mortes produzidas por esses confrontos ou seus danos “colaterais” continuam sem cessar, tais como os deslocamentos maciços que levaram milhões de pessoas a buscar refúgio em outras geografias ou dentro de seu próprio país, em países vizinhos ou tentando alcançar os portos no norte do continente para pular para a Europa. CALVO (2022).*

A abstração midiática internacional do pensamento social em África e a posição dos africanos diante do conflito na Ucrânia, a consequente mutação dos paradigmas internacionais com tendência ao surgimento de múltiplos polos de poder faz deste uma pesquisa original aplicada, adaptando assuntos discutidos ao longo de décadas aos fenômenos geopolíticos atuais, uma vez que é um dos trabalhos primordiais na análise dos fenômenos mundiais supracitados a partir da perspectiva africana e dos africanos. A coleta de dados da presente pesquisa foi feita com o recurso a abordagem qualitativa, usando-se a metodologia de análise documental, cujos resultados indicam que apesar da neutralidade ser a posição mais ideal a ser tomada pelo continente, a África se beneficiaria com um possível sucesso eurasiático contra o coletivo ocidental, uma vez que tal feito abriria possibilidades da consolidação multipolar, sendo a África um dos polos em questão.

Para além dos fatores supracitados, o continente africano, isto é, levando em conta o elevado crescimento demográfico e suas cinco dezenas e meio de nações, encontra-se num processo de formalização da criação da zona de livre comércio regional, aquela que será uma das maiores zonas de livre comércio do mundo e um enorme mercado consumidor, todos estes fatores fazem da África uma das peças-chave no tabuleiro geopolítico em curso e abre o caminho para uma disputa entre os polos em conflito sobre em qual deles a África e os africanos se alinharão ou olharão, o que em certa medida dependerá do curso e dos resultados do conflito na Ucrânia. Segundo Holeindre (2012), “Aron considera a política e, mais especificamente, a política internacional, no quadro de um projeto teórico – pensar como se vai fazendo o desenrolar da história”. (HOLEINDRE, 2012, p.36).

Diante de tudo quanto foi exposto, é pertinente levantar a seguinte questão, questão sobre a qual se assentará a discussão e cogitamos em responder no presente artigo:

-Levando em consideração as disputas entre os polos ocidental e eurasiático evidenciado pelo conflito Rússia vs EUA na Ucrânia, seria de interesse/benéfico para os africanos uma

possível aliança com o polo ocidental, eurasiático ou a política de não alinhamento seria mais pertinente e adequado para África e os africanos?

Para respondermos à questão acima formulada, analisaremos a partir de um olhar sociológico em diálogo com outras áreas do conhecimento, dentre elas a histórico-social, antropológico-social e geopolítica econômica e social. Portanto, embora não ser o nosso objeto de estudo responder à questão que se segue, podemos nos questionar: afinal, o que está na origem da “guerra” da Ucrânia? Talvez devêssemos trazer mais uma vez Hoilendre (2012), que segundo o qual, “Para Aron, no final da sua vida Clausewitz opta pela segunda: tendo-se esgotado a via diplomática, a guerra seria antes de mais um meio para resolver um conflito recorrendo às armas.” Prossegue ainda Holendre, “Nesse sentido, o papel do governante consiste em adaptar os meios militares aos fins políticos, e, portanto, em identificar muito precisamente o tipo de guerra com que se depara.” (HOILENDRE, 2012, p.40). A última frase da citação talvez seja a explicação mais precisa do por que a Rússia chamar o conflito de operação especial militar em contraponto da denominação guerra. Já para Sato (2005), “Tucídides enuncia o conceito de “equilíbrio de poder” como motivo da guerra. (SATO, 2005, p.6).” Quiçá, para maior compreensão dos conceitos e teorias supracitadas do ponto de vista do tema abordado no presente artigo, sugerimos a pesquisa e leitura sobre os acordos de Minsk, a expansão da OTAN para o leste europeu e o conceito de indivisibilidade de segurança (entre grandes potências).<sup>2</sup>

## **2. Análise histórico e antropológico social.**

Se retrocedermos um pouco e fazermos uma síntese da história social Ocidente/África, nos depararemos com o fato de que praticamente todos os estigmas praticados contra a África e os africanos foram inventados pelos ocidentais e têm origem no ocidente, no contexto geopolítico atual não se pode simplesmente ignorar esses fatos. O comércio e o tráfico de escravizados africanos nas rotas triangular transatlântica (África, Américas e Europa), a escravidão, a ocupação efetiva após a conferência de Berlim (1884-1885) e a consequente colonização da África foram todos praticados por impérios coloniais ocidentais, hoje o polo ocidental na luta

---

<sup>2</sup>Merkel reitera que os Acordos de Minsk foram assinados para "dar tempo à Ucrânia para se fortalecer." Informação disponível em: < <https://actualidad.rt.com/actualidad/453399-merkel-acuerdos-minsk-darle-tiempo-ucrania-fuerte>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

“Como a expansão da Otan levou a guerra da Rússia contra a Ucrânia.” Informação disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/02/26/como-a-expansao-da-otan-levou-a-guerra-da-russia-contra-ucrania.htm>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

“Lavrov: Ocidente quer esquecer princípio de indivisibilidade da segurança.” Informação disponível em: < <https://www.tribunadaimpressadigital.com.br/noticia/lavrov-ocidente-quer-esquecer-principio-de-indivisibilidade-da-seguranca>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

pela ordem mundial unipolar liderado pelos EUA. Porém, nações como a Rússia e a China não tiveram nenhuma participação histórica nos crimes supracitados praticados durante mais de 500 anos contra os africanos e seus descendentes ao redor do mundo ocidental, muito pelo contrário, estes últimos países, com destaque para a Rússia soviética apoiaram e patrocinaram os movimentos de lutas pela libertação no continente africano contra o jugo colonial, racista e supremacista ocidental.<sup>3</sup> Os fatores citados são muito marcantes e ainda influenciam não só a condição de marginalização e depreciação do continente africano, mas como também dos seus descendentes na diáspora. Esse fenômeno continua tão intenso atualmente quanto foi no passado e a África não pode simplesmente ignorá-los diante dos fenômenos e do contexto geopolítico atual em formação.

Podemos fazer uso das observações supracitadas e as relacionarmos a alguns fenômenos adicionais, que será o ponto de partida para refutarmos as constantes pressões que os EUA e a União Europeia têm usado como pretextos para persuadir as nações africanas a condenarem a operação especial militar russa na Ucrânia e aderirem as sanções unilaterais impostas pelo Ocidente. O mundo ocidental mergulhou numa onda de estímulos ao preconceito contra os cidadãos russos e tudo que é russo, tenta justificar como legítima a russofobia praticada pelos seus satélites (dos EUA) na Europa Oriental (especialmente a Polónia e países bálticos) como resultado das “atrocidades” praticadas pelo império Russo e a União soviética durante o domínio destes estados naquela região. A primeira questão pela qual os africanos deveriam pensar e questionar é a seguinte: partindo deste pressuposto, o que os ocidentais dizem das barbáries, atrocidades e necropolítica Mbembe (2016) praticadas pelos países ocidentais durante mais de cinco séculos contra os africanos, têm ou não os africanos motivos suficientes para desprezarem o ocidente, serem anglofóbicos, francofóbicos, germanofóbicos? É certo que não pretendemos aqui incentivar o despertar de tais ressentimentos, mas trata-se de uma retórica que visa denunciar e expor a política de dois pesos e duas medidas do Ocidente, uma vez que os mesmos se vangloriam e fazem apologia aos seus passados coloniais contra as sociedades

---

<sup>3</sup>Segundo a revista USP. A descolonização da África: nacionalismo e socialismo. É preciso reconhecer que, em grande medida, a independência (da África) foi resultado de uma ampla articulação de movimentos de caráter nacionalista, representados pelas correntes ligadas à negritude, ao pan-africanismo e ao pan-islamismo. Nesta articulação, as ideias socialistas exerceram importante papel, e a União Soviética (URSS) forneceu grande apoio aos movimentos de libertação. O auxílio soviético se prolongou após a independência, até pelo menos o fim da década de 1970. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/158261#:~:text=A%20DESCOLONIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20%C3%81FRICA%3A%20NACIONALISMO%20E%20SOCIALISMO.Autores&text=Nesta%20art%20ula%C3%A7%C3%A3o%20as%20ideias%20socialistas.fim%20da%20d%C3%A9cada%20de%201970>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2026.

africanas e demais regiões por eles devastadas. Vejamos, o preconceito racial, étnico e cultural (etnocentrismo) é a ferramenta que o Ocidente inventou e inovou, com a qual assombrou os africanos e assombra os afrodescendentes em seus países. A África deve se abster de apoiar qualquer política de discriminação étnica e cultural, principalmente quando estas são praticadas e estimuladas por países que praticaram e praticam tal política contra os africanos, com destaque para a política de migração discriminatória em relação aos africanos em contraste com os imigrantes ucranianos durante a operação militar russa na Ucrânia. Pensemos, os russos étnicos são caucasianos e cristãos (ortodoxos) como os ocidentais, a discriminação em massa destes por aqueles que um dia trataram os africanos como objetos deveria ser um sinal de alerta para as próprias nações africanas, com ressalva para as formas desumanas com que são tratados os afrodescendentes nos referidos países, particularmente nos EUA.

Lembrando por exemplo, que Angola recebeu assistência técnico-militar e econômica da Rússia Soviética na luta contra o colonialismo português que durou até 1975, a mesma ajuda o país recebeu da URSS na luta contra o regime racista de apartheid (regime de segregação racial) apoiado pelos EUA na batalha do Cuito Cuanavale em 1981, vencida pelas FAPLAS de Angola. A batalha do Cuito Cuanavale se deu na região sul de Angola, na província do Cuando Cubango, quando as forças do regime de apartheid (o pior regime abertamente racista do mundo depois do nazismo alemão) aliado dos Estados Unidos invadiram a região supracitada da então República Popular de Angola, esta última apoiada pela URSS e Cuba.<sup>4</sup> Cáprio (2011) diz “as redes de cooperação e de ajuda mútua fazem parte integrante de uma instituição. Por isso, como objeto sociológico, não podem ser banalizadas. (CÁPRIO, 2011, p.5).” Por instituição, levando em conta o contexto espaço-temporal e as relações entre estados populares (URSS, Cuba e Angola), entendemos como a Internacional Socialista da época.

Não poderíamos deixar de destacar que o regime de apartheid recebeu assistência técnico-militar dos EUA, do estado de Israel e o consentimento dos estados europeus no desenvolvimento da bomba atômica, arma essa que o regime racista ameaçou usar contra os estados africanos independentes (liderados por negros africanos).

Nesse panorama mundial em disputa é necessário que a África se lembre da sua história, porque é a partir dessa análise de longa duração, Elias (1994), uma análise cronológica e

---

4A batalha de Cuito Cuanavale: Uma proeza do internacionalismo cubano. Informação disponível em: <<https://mst.org.br/2022/03/25/a-batalha-de-cuito-cuanavale-uma-proeza-do-internacionalismo-cubano/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2026.

sistemática das configurações sociais que estão na origem da formação das sociedades africanas que os africanos compreenderão qual rumo poderão seguir agora. O continente viveu 500 anos sob o jugo colonial ocidental direto e décadas de dominação unipolar estado-unidense que resultaram em políticas de intimidação, ameaças, mudanças de regimes e intervenções militares ocidentais sem o consentimento e em flagrantes desrespeito as instituições regionais africanas. As intervenções militares da França na Costa do Marfim em 2010 e a destruição da Líbia pela NATO sem o consentimento da ONU e da União Africana (UA), demonstram exatamente a atitude do polo ocidental e do domínio unipolar dos EUA em relação a África, as instituições africanas e aos africanos. Segundo Sato (2005), “Pilhagens, guerras, revoltas e revoluções são expressões comuns que compõem a história política e social das nações que hoje conhecemos por democracias e às quais damos os nomes de França, Grã-Bretanha, Alemanha ou Espanha. (SATO, 2005, p.16).”

A intervenção militar e a consequente destruição da Líbia pela OTAN e as intervenções dos EUA na Somália têm provocado fluxos migratórios de africanos para a Europa, porém, migrantes africanos são tratados com desdém, discriminados pelas autoridades dos países que trabalharam e têm trabalhado na destruição dos seus países. Essa atitude europeia em relação aos imigrantes africanos é muito contrária ao tratamento peculiar que estes têm dado aos migrantes ucranianos (caucasianos), o que representa a continuidade da política racista e supremacista do polo ocidental em relação aos povos não europeus, em relação aos africanos e afrodescendentes.<sup>5</sup> Essas políticas que marcaram e determinaram por muito tempo e ainda determinam um percurso sombrio do continente africano, seus descendentes e suas heranças culturais (tidas como amaldiçoadas) no mundo ocidental não podem ser simplesmente descartadas, pois a guerra por procuração dos EUA e da OTAN contra a Federação Russa na Ucrânia não é só uma guerra militar e econômica, é também uma guerra cultural, étnica e de sobrevivência civilizacional. Nesse contexto supracitado a África tem sido tratada com desprezo pelo mundo ocidental, tida como não civilizada e seus traços culturais e étnicos marginalizados da pior forma possível. Em diálogo com o biopoder de Foucault, Mbembe (2016) diz que o direito do estado de matar é feito segundo um processo de seletividade grupal com

---

5Conflitos no Ocidente causam mais indignação e comoção? Informação disponível em: < <https://www.dw.com/pt-002/porque-os-conflitos-no-ocidente-causam-mais-indigna%C3%A7%C3%A3o-do-que-as-guerras-em-%C3%A1frica/a-61055621>>. Acesso em 26 de janeiro de 2023.

Nações africanas no Conselho de Segurança condenam racismo na fronteira ucraniana. Informação disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/nacoes-africanas-no-conselho-de-seguranca-condenam-racismo-na-fronteira-ucraniana/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2023.

base em traços biológicos, nomeando-o de racismo, o autor caracteriza tal política como sendo o modus operandi do Ocidente:

Na formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico – do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) “racismo”. Que a “raça” (ou, na verdade, o “racismo”) tenha um lugar proeminente na racionalidade própria do biopoder é inteiramente justificável. Afinal de contas, mais do que o pensamento de classe (a ideologia que define história como uma luta econômica de classes), a raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou dominá-los. (BEMBE, 2016).

Em contrapartida, a África traçando ou seguindo o caminho da multipolaridade teria uma possibilidade histórica de se tornar um dos polos, ao invés de ser um contínuo campo de exploração e de afirmação da influência e “supremacia” do mundo ocidental, status esse que apenas rendeu ao continente subordinação, instabilidades políticas, intervenções, exploração neoliberal e miséria. O alinhamento dos estados africanos as iniciativas ocidentais no campo das diferentes lutas geopolíticas, em especial as desencadeadas com o eclodir da operação militar especial russa na Ucrânia<sup>6</sup> seria um auto-ultraje histórico-social para o continente, um ultraje as memórias dos ancestrais africanos vítimas do tráfico de escravizados, a escravização e ao colonialismo europeu-ocidental, seria um pacto com o supremacismo e com o neocolonialismo. Segundo Foé (2013):

A questão da humanidade dos povos vencidos pela Europa desde o século XV aparece como uma terrível repetição dos dramas sagrados da mitologia antiga. O que caracteriza de fato as narrativas de fundação das sociedades fundadas seja sobre o genocídio seja sobre a escravidão é a permanência de temas agonísticos. Em termos parecidos que se inaugurou a história trágica dos povos vencidos pelo Ocidente nos tempos modernos. Pierre Quillet (1976) destaca um paradoxo estranho entre os apologistas da escravidão negra. A barbárie e a selvageria da qual falam esses últimos não indicam a desumanidade, a violência e os crimes dos assassinos (os negreiros), mas, pelo contrário, o baixo nível de civilização, de cultura, de moralidade e de humanidade das vítimas (os negros) (QUILLET, 1976, p. 58). A conduta estranha de Pizarro é emblemática de uma visão do mundo que faz com que o Ocidente pareça incapaz de ir ao encontro dos outros povos como um amigo, mas como um conquistador; raramente como um aliado, mas constantemente como um adversário; jamais como um parceiro, mas sempre como um mestre. O Ocidente se recusa a dialogar com os outros povos porque ele não gosta muito do princípio da igualdade e da reciprocidade com os vencidos. O Ocidente se proíbe tal diálogo porque ele decreta

---

6 Segundo o jornal de Angola. O equilíbrio necessário da Rússia. O papel desempenhado pela Rússia no conflito da Síria colocou fim ao unilateralismo que até à data era praticado pelo bloco ocidental tradicionalmente liderado pelos Estados Unidos da América e coadjuvado pelos países da União Europeia que, bem ou mal, acabam sempre por endossar as posições norte-americanas. Informação disponível em: < <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=348727>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

a inferioridade congênita do Outro ou do vencido. Esse decreto explica a exclusão do negro da humanidade comum e sua transformação em coisa. (FOÉ, 2013).

### **3. Economia social e geopolítica econômica africana no conflito.**

Com o eclodir da operação militar russa na Ucrânia, vista como uma afronta a ordem mundial unipolar dos EUA e ao domínio global ocidental, o Ocidente coletivo, isto é, EUA, Reino Unido, França, Alemanha, Itália e outros estados satélites europeus, Canadá, Austrália e inclusive o Japão (ocupado pelos EUA desde 1945) impuseram uma série de sanções a Federação Russa, as maiores e mais pesadas da história, com vista a uma blitzkrieg econômica e o colapso do sistema econômico russo, mas as consequências não foram como previstas pelo Ocidente, o resto das nações do mundo não aderiram as sanções, apenas 11%, o ocidente coletivo aderiu, porém, inclusive dentro da própria União Europeia (UE) existem divergências quanto as políticas e em quais sectores aplicar sanções, com destaque para as posições da Hungria quanto ao petróleo e o gás natural russo contrárias aos da Comissão Europeia (gabinete não eleito), o que desmente as narrativas midiáticas ocidentais sobre uma suposta forte unidade europeia<sup>7</sup>, o anúncio sobre o referendo de independência da Escócia em relação ao Reino Unido reforça tal observação. Para Sato (2005):

Recentemente, os impasses em relação a uma Constituição Europeia revelam que ainda não há suficiente consenso a respeito de um aprofundamento na integração de uma sociedade europeia de nações e que o ritmo de integração também não é homogêneo. Em matéria de segurança, dificilmente as nações, particularmente as mais poderosas, abrem mão da soberania como princípio básico de sua política de Estado. As exceções ficam por conta de casos como o do Japão, ocupado pelas forças americanas. (SATO, 2005, p.15).

Do resto do mundo que não aderiu ao chamado dos EUA estão muitas nações africanas, fato que revela uma certa ilusão megalomaniaca de liderança e poder global absoluto inexistente dos EUA, ou seja, tal fenômeno apenas revela a derrocada em curso da ordem mundial unipolar imposta depois da guerra fria, e os estadistas africanos provavelmente já se aperceberam de tal fenômeno. Segundo Cáprio (2011) “a nova forma de poder é aquela que dá a quem a possui a possibilidade de definir o quadro das trocas econômicas internacionais e, com isso, determinar o modo de vida de uma grande parte dos habitantes do planeta (BADIE, 1999, p. 201)”. Durante um discurso numa conferência organizada pela fundação Ditchley, Tony Blair, ex-primeiro ministro britânico e pessoa-chave nas respectivas invasões e destruição do Iraque (2001) e da Líbia (2011), declarou “estamos chegando ao final do domínio político e econômico do

---

<sup>7</sup>UE está dividida sobre limite de preço ao gás, com 12 países criticando última proposta. Informação disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/business/ue-esta-dividida-sobre-limite-de-preco-ao-gas-com-12-paises-criticando-ultima-proposta/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2023.

ocidente. O mundo vai ser pelo menos bipolar e possivelmente multipolar.” *RT*, 17/07/2022.

Retomando Cáprio (2011) diz:

Assim, tomando-se um dos conceitos mais tradicionais na disciplina, o conceito de poder, pode-se ponderar que o mesmo já não coincide exclusivamente com a capacidade de obrigar outrem a fazer o que, de outro modo, não faria, mas é igualmente a capacidade de determinar a agenda. Definindo-se a agenda como o assunto à volta do qual se fará a negociação, mobilizar-seão as energias, etc. Assim, a ideia de poder mundial é hoje associada à noção de capacidade de controlar as regras do jogo em um ou em vários domínios-chaves da competição internacional (BADIE, 1999, p. 203). Basta lançar-se um olhar sobre as guerras/conflitos contemporâneos, para se constatar que o fato de se ter uma vitória militar não significa que se tenha, necessariamente, uma vitória política. (CÁPRIO, 2011, p.5).

Portanto, a abstenção de uma boa parte dos países africanos na condenação na ONU da operação militar russa na Ucrânia e a não aderência da maioria esmagadora destes estados às sanções contra a Rússia, estão interligados a fatores históricos, políticos, antropológicos, sociológicos e econômicos já aqui referidos.

O Novo Jornal 02/01/2021 relata o seguinte: “África avança para ser a maior zona de comércio livre do mundo.”

Com 54 países a bordo, o continente africano começou no início de 2021, a erguer aquela que será a maior zona de comércio livre do mundo, abrangendo 1,3 mil milhões de pessoas. Este bloco económico, que recorde-se, tem quase o dobro da União Europeia em número de países e mais que duplica o número de habitantes, somando um produto interno bruto (PIB) que vai ser de 3,4 trilhões de dólares e visa acelerar o desenvolvimento do continente, a sua industrialização, derrubar os muros da pobreza, permitir a construção de infraestruturas pan-africanas, etc. Tudo a partir da paulatina diluição de muralhas alfandegárias que, em muitos países, são mais altas para os vizinhos do que para os países externos ao continente.

Angola, que tem uma relação histórica de proximidade com a Federação Russa não aderiu às sanções. Um dos presidentes mais contemporâneos da Federação Russa, Dimitri Medvedev, já realizou visita de estado ao país africano<sup>8</sup>, e simultaneamente os presidentes angolanos (Agostinho Neto na época da URSS, José Eduardo dos Santos e João Lourenço) já realizaram visitas de estados à Rússia.

Angola e Federação Russa mantêm relações diplomáticas e acordos de vários níveis em diversos sectores, com destaque para o económico, tecnológico, educação, defesa e saúde, sendo que uma boa parte dos quadros séniores do partido governante em Angola (MPLA) estudou na URSS. Atualmente o país (Rússia) é um dos que mais disponibiliza bolsas de estudos para estudantes angolanos no exterior. A maioria esmagadora dos equipamentos militares das

---

<sup>8</sup>Energia domina visita de Dmitri Medvedev a Angola. Informação disponível em: < <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=348727>> Acesso em 26 de janeiro de 2023.

forças armadas angolanas são de fabricação russa, em 2017 Angola assinou e fechou com a Rússia um acordo de fabricação e lançamento do primeiro satélite do país, o ANGOSAT. Em 2016 houve um surto da febre amarela em Angola, no qual a Federação Russa exportou várias unidades de vacinas de fabricação do país eslavo, o que permitiu o freio e controle do surto.<sup>9</sup> Angola é membro da OPEP+ (Organização dos países Exportadores de Petróleo+Rússia) e segue uma política de coordenação energética com a Rússia assim como o resto da organização.

Helen (2016) fala sobre a questão da modernidade e as barreiras a partir dela criadas na transferência de tecnologias para África, transferência de tecnologias é algo que o Ocidente coletivo jamais se predispôs em dar aos africanos. Segundo a autora:

A tendência autolegitimadora do discurso científico moderno teve o impacto de minar a transferência de tecnologia para a África e foi causa da maioria dos fracassos das pessoas em se apropriarem de valores e benefícios científicos modernos nas culturas pós-coloniais, chamadas “agrarias tradicionais”. Existe atualmente um discurso que tenta justificar o subdesenvolvimento das sociedades africanas baseando na ideia de que estas sociedades não possuem conhecimentos técnicos e tecnológicos necessários para fomentar o funcionamento industrial e que tais técnicas devem ser importadas a partir do mundo ocidental uma vez que estas sociedades africanas ao longo de suas histórias mostraram-se incapazes de desenvolver inovações tecnológicas, mas a autora refuta tal discurso dizendo que independentemente de qualquer outra coisa, essa abordagem despreza os fatos históricos. Conforme Songso argumenta, a urbanização disfuncional numa sociedade pós-colonial deve-se mais especificamente a centros urbanos existentes não como bases industriais e fontes de riqueza, mas como satélites dependentes de importações vindas de centros tecnocráticos de produtividade no exterior<sup>9</sup>. Por causa desta “orientação externa”, cidades grandes em Gana crescem rapidamente graças ao seu papel de hospedeiras da economia parasítica do campo. Por exemplo, a densidade do “setor informal” de Acra aumenta “em consequência de efeitos negativos em regiões em que um ambiente físico em corrosão força a migração”<sup>10</sup>. De maneira mais geral, Songso reflete que a tendência da urbanização moderna a se desenvolver em sociedades pós-coloniais africanas e uma resposta a distorções e perversões de aventuras capitalistas de intrusos estrangeiros, não uma consequência direta e exclusiva da industrialização. (HELEN, 2016).

Além do mais, a Rússia é a maior exportadora de trigo e fertilizantes do mundo, produtos indispensáveis para o continente africano e sua imensa população que já se encontra em elevado risco de insegurança alimentar. Qualquer condenação ou aderência dos estados africanos às sanções em relação às ações da Federação Russa na Ucrânia receberia retaliação por parte da Rússia, levando em conta a política do princípio da reciprocidade adotada pelo país

---

<sup>9</sup>Rússia concede mais bolsas de estudo a Angola. Informação disponível em: < <http://www.embaixadadeangola.pt/russia-concede-mais-bolsas-de-estudo-angola/>> Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

Covid-19: Rússia doa 25 mil doses de vacinas a Angola. Informação disponível em: < <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/covid-19-russia-doa-25-mil-doses-de-vacinas-a-angola/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2023.

Angosat-2 já foi lançado em órbita. Informação disponível em: < <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/angosat-2-ja-foi-lancado-em-orbita/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2023.

euroasiático. Acontece que os estados africanos não estão em condições e nem poderiam se dar ao luxo de aderirem as sanções unilaterais do Ocidente em detrimento do sacrifício da sua própria população. De acordo com o site de notícias Kazakhzerno, “em 2022, um recorde de 87 milhões de toneladas de trigo pode ser colhido na Federação Russa. Assim diz Elena Tyurina, chefe do departamento analítico da União Russa de Grãos.”

Segundo o jornal de Angola, na sua matéria de 20/05/2022, “A Rússia e o Mali negociaram hoje o fornecimento de armas, trigo, petróleo e fertilizantes durante a visita a Moscovo do chefe da diplomacia do país africano, Abdoulaye Diop.” Na verdade, a necessidade de importação de trigos e fertilizantes russos não é uma necessidade urgente exclusiva do Mali, mas de toda África Ocidental e todo o continente no geral. O Ocidente em geral não pode e não tem como substituir o fornecimento de tais produtos agrícolas russo, uma vez que estão preocupados em abastecer os seus próprios mercados internos e garantir a segurança alimentar das suas próprias populações. Portanto, uma provável aderência dos estados africanos às ações hostis do ocidente contra a Rússia não seria do interesse das populações africanas, seria um sacrifício mortal a favor de um polo que inclusive nega a razão de ser a África e aos africanos, em psicologia costuma-se a chamar de complexo de Estolmo.

Portanto, sendo a Rússia a maior exportadora de trigo e fertilizantes do mundo (não a Ucrânia), a crise alimentar que se verifica não é provocada diretamente pela operação militar russa, mas sim pelas sanções unilaterais do ocidente que visam as restrições e embargos de produtos agrícolas russo. A África passa por uma situação de insegurança alimentar e não seria plausível para o continente aderir a sanções contra o país que mais a abastece com cereais e fertilizantes, a preços acessíveis, para complementar.

O portal de notícias RT publicou no dia 28 de abril de 2022 a realização de uma conversa por telefone entre o presidente de Angola João Lourenço e o presidente da Rússia Vladmimir Putin, no contexto da operação militar russa na ucrânia. Segundo a matéria:

Por iniciativa da parte angolana, o Presidente russo Vladimir Putin manteve uma conversa telefónica com o Presidente da República de Angola João Lourenço. O líder russo informou seu colega sobre os objetivos da operação especial para proteger o Donbass e também fez uma avaliação do estado das coisas nas negociações com a Ucrânia. Isto foi relatado pelo serviço de imprensa do Kremlin. “A pedido de João Lourenço, Vladimir Putin informou sobre as razões e objetivos da operação militar especial para proteger o Donbass, e também fez uma avaliação fundamental da situação nas negociações com os representantes ucranianos”, informou o Kremlin. O relatório também diz que ambos os lados expressaram satisfação com o nível alcançado de relações amistosas. A intenção de seu maior desenvolvimento, incluindo a cooperação nas esferas comercial, econômica, científica e técnica, foi confirmada. As partes concordaram em continuar os contatos.

Portanto, o país da África Austral assim como dezenas de outros estados na região e no continente em geral possuem uma gama de acordos e relações de vários níveis mutuamente benéficas com a Rússia, sendo que os produtos fornecidos e os serviços prestados pela Federação Russa são de preços mais baratos e acessíveis pelas ainda frágeis economias de exploração africanas, estagnadas pelo neoliberalismo e políticas de exploração levadas a cabo por multinacionais energéticas ocidentais como ENIL, TOTAL, CHEVRON, TEXACO, entre outras. Se nos apoiarmos em Sato (2005), substituindo o conceito de sociedades primitivas pelo Sul global ou Eurásia, poderíamos fazer a seguinte leitura “Polanyi sugere que nessas sociedades (primitivas) os fundamentos da atividade econômica poderiam ser de quatro tipos: a reciprocidade, a redistribuição, a economia doméstica e a troca. (SATO, 2005, p.5).” Reciprocidade de vantagens é obviamente algo que não acontece nas relações África/Ocidente. De acordo com Falola (2007):

A desintegração social acompanha o capitalismo global. Assim como a economia atlântica empurrou os africanos para o Ocidente, como escravos, o capitalismo moderno é igualmente incansável em se apropriar da riqueza do continente. Todas as atividades internas dos indivíduos, do canto mais remoto ao mais visível, e independente de profissão e status, são afetadas pelas conexões do continente com o mundo externo.

Diante de tudo quanto foi exposto acima, faz jus a África se aliar ao polo ocidental liderado pelos EUA, se desfazer de todos os acordos mutuamente benéficos com a Rússia e correr o risco de entrar numa crise, por meros caprichos de dominação e manias de grandeza da civilização ocidental da qual os africanos não fazem parte? Segundo a matéria do portal de notícias Sputnik de 02/05/2022, o embaixador da Federação Russa em Angola denunciou que o ocidente está pressionando os países africanos a condenarem a Rússia. Diz a matéria:

Os países ocidentais estão exercendo extrema pressão sobre os estados africanos, exigindo que estes condenem as ações da Rússia na Ucrânia, disse à Sputnik o embaixador russo em Angola, Vladimir Tararov, nesta segunda-feira (2). Ainda de acordo com o oficial, o Ocidente chegou até a ameaçar algumas lideranças, algo que, em sua percepção, é imoral. “Sei que eles [Angola] estão sob extrema pressão dos países ocidentais, que os exortam a condenar a Rússia. Mas eles respondem dizendo que vamos contribuir para o estabelecimento da paz, vamos contribuir com todas as nossas forças para que os acordos sejam alcançados entre as partes”, disse. O embaixador ressaltou que, em suas demandas, o Ocidente recorreu, em algumas ocasiões, a chantagens e até mesmo ameaças. “Eles estão ameaçando e chantageando. Essa chantagem, eu enfatizo mais uma vez, é imoral. Os países [da África] mal estão resistindo. Na Assembleia Geral [da Organização das Nações Unidas], quase todos os países africanos votaram de forma neutra, ou seja, abstiveram-se. Isto significa que não apoiaram esta resolução [da retirada da Rússia do Conselho de Direitos Humanos da ONU]. Mas não se atreveram a votar contra, porque a pressão foi extrema”, explicou.

A matéria acima citada atesta como uma impressão digital que os EUA e o ocidente coletivo não respeitam a posição soberana das nações africanas, que não obstante, ainda são vistas por

estes como suas meras colônias de exploração. Não existe uma relação de parceria assente no respeito e acordos mutuamente benéficos entre os EUA/Europa e as nações africanas, que são regularmente ameaçadas e chantageadas a aderirem as políticas ditatoriais e imperialistas dos EUA e seus satélites, para não dizer vassallos europeus, são estas as políticas unilaterais próprias de um mundo unipolar que nada interessam as nações de um continente que por muitos séculos viveram sobre a colonização direta, que hoje vivem sobre a neocolonização ocidental mas que almejam uma independência de fato. A matéria da Sputnik cita a seguinte composição na votação dos países africanos na ONU em relação a operação militar russa na Ucrânia: Os seguintes países votaram contra a resolução; Argélia, Burundi, República Centro-Africana, República do Congo, Eritreia, Etiópia, Gabão, Mali e Zimbábue. Os seguintes países se abstiveram: Egito, Camarões, Gana África do Sul. A matéria abaixo do jornal valor econômico reforça o argumento acima descrito.

\*O jornal Valor Econômico 17/novembro/2020 rela:

“COMÉRCIO, potências comerciais relatam que Angola está a violar as regras da OMC. Luanda, insiste, no entanto, em restringir a importação de produtos. EUA avisam que a teimosia angolana coloca as relações dos dois países em risco.” A matéria continua:

*Relações com os EUA ameaçadas.* Os EUA chegaram mesmo a referir que o decreto, tem potencial para comprometer as relações com Angola. Os norte-americanos asseguram que, desde a implementação do decreto, têm recebido relatórios de confusão, sobre a sua aplicabilidade e sobre atrasos de produtos nas fronteiras. Os EUA sublinharam ainda que os exportadores norte-americanos estão preocupados com os percíveis por causa de tanta incerteza que o documento trouxe. Os EUA aconselharam assim Angola a solicitar assistência técnica ao secretariado da OMC para notificar a forma apropriada de aplicar qualquer medida comercial tomada no âmbito do decreto e que continuasse os trabalhos com a embaixada em Luanda para evitar problemas perturbadoras do comércio.

Teimosia angolana? Até certo ponto seria cômico se não fosse trágico tal tom paternalista, é irônico e incoerente a reação e atitude supracitada dos EUA em relação as políticas alfandegárias angolana, porque segundo uma coluna do site Agência Brasil de 01/10/2018, o FMI afirmou naquele ano que o protecionismo dos EUA estava afetar de forma negativa a economia global. A coluna afirma nas próprias palavras da então diretora do FMI Cristine Lagarde que o cenário de políticas protecionistas dos Estados Unidos afetou o crescimento da economia global que passou por uma espécie de desaceleração segundo as previsões do órgão. “Uma questão importante é que a retórica está se tornando em uma nova realidade de barreiras comerciais,” salientou a diretora.

Segundo a coluna do portal Coface for trade 10/09/2018, intitulado o protecionismo comercial dos Estados Unidos:

Embora as políticas para abrir o comércio tenham sido uma característica padrão desde a criação da Organização Mundial do Comércio (OMC) em 1995, a crise de 2008-2009 provou ser um ponto de virada. A crise impulsionou o protecionismo, que subiu para novos níveis com a chegada de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos. Desde o início de 2018, o governo dos EUA manteve sua palavra sobre várias ameaças em termos de protecionismo comercial, lançando direitos alfandegários sobre importações de vários produtos: painéis solares e máquinas de lavar (janeiro), aço e alumínio (março, então em junho para a UE, México e Canadá, concluindo com a Turquia em agosto). Nos três primeiros trimestres de 2018, o governo dos EUA começou a tributar oficialmente as importações chinesas (no valor de US \$ 50 bilhões em julho, mais 200 bilhões em setembro). O governo dos EUA decidiu restringir o comércio afetando 12% das importações para os Estados Unidos. Enquanto isso, as políticas de retaliações atingiram 8% das exportações dos EUA.

O jornal El País em 29/junho/2017 publicou uma coluna intitulada “protecionismo de Trump ameaça sistema multilateral de comércio.” Porém, depois de tudo quanto foi analisado podemos afirmar que não se trata do protecionismo de Trump, trata-se de um protecionismo dos EUA como país, que de forma unilateral impõe regras alfandegárias em tom de ameaças a países terceiros (especialmente os do sul global) quando eles mesmos fazem desdém das referidas regras e contam com a passividade e cumplicidade da OMC, é a famosa ordem baseada em regras, porém, regras para os outros. Ameaças, chantagens, anarquia e unilateralismo são características inerentes de um sistema de poder unipolar. Talvez Holeindre (2012) resume melhor a discussão supracitada ao dizer que “de tanto querer provar e legitimar a centralidade do Estado, Aron não é, segundo Châtelet, suficientemente sensível aos movimentos das sociedades e da economia”. Holeindre (2012) complementa dizendo que “Numa perspectiva marxista, Châtelet lamenta inclusive que Aron não tenha levado suficientemente em conta a luta de classes que, a nível mundial, opõe as «nações proletárias» às «nações abastadas». (HOLEINDRE, 2012, p. 41). Convergindo com Holeindre (2012) poderíamos facilmente complementar especificando Angola como o país proletário e os Estados Unidos o país abastado.

Todos os fatores econômicos acima descritos não poderiam deixar de influenciar a posição de Angola e da África no geral em relação a atual crise ucraniana e as políticas externas das nações do continente no geral diante do novo panorama mundial em formação. Só para registrar que a República de Angola vive a anos sob restrição de divisas (dólar americano) imposta pelos EUA, a mesma moeda que os Estados Unidos têm usado como arma nas suas sanções unilaterais contra a Rússia desde o eclodir das operações militares especiais na Ucrânia.

Lembrando que a Constituição da República de Angola é muito objetiva quanto a posição do país nas suas relações internacionais, segundo o artigo 12-Relações Internacionais:

-A “República de Angola respeita e aplica os princípios da Carta da Organização das Nações Unidas e da Carta da União Africana e estabelece 7 relações de amizade e cooperação com todos os Estados e povos, na base dos seguintes princípios”:

a) Respeito pela soberania e independência nacional; b) Igualdade entre os Estados; c) Direito dos povos à autodeterminação e à independência; d) Solução pacífica dos conflitos; e) Respeito dos direitos humanos; f) Não ingerência nos assuntos internos dos outros Estados; g) Reciprocidade de vantagens; h) Repúdio e combate ao terrorismo, narcotráfico, racismo, corrupção e tráfico de seres e órgãos humanos; i) Cooperação com todos os povos para a paz, justiça e progresso da humanidade.

2. “A República de Angola defende a abolição de todas as formas de colonialismo, agressão, opressão, domínio e exploração nas relações entre os povos.”

3. “A República de Angola empenha-se no reforço da identidade africana e no fortalecimento da ação dos Estados africanos em favor da potenciação do património cultural dos povos africanos.”

Talvez Sato (2005) dialogue melhor com os pontos acima descritos:

Para as nações menos poderosas – conseqüentemente muito mais sujeitas a sofrerem os efeitos do que capazes de influir nesse processo de integração internacional ao qual se convencionou chamar de globalização – a soberania surge como a primeira linha de defesa natural de seus valores, de seus interesses e de sua visão de mundo. (SATO, 2005, p.15).

#### **4. Reação dos estados africanos as investidas imperiais e neocoloniais do Ocidente.**

De acordo com o site de notícias RT em sua matéria de 09/maio/2022, devido as pressões e chantagens ocidentais com vista a condenação da operação militar da Rússia na Ucrânia, os países africanos estão cogitando em recriar o movimento não alinhado, vigente durante a guerra fria:

FP: movimento não alinhado pode reviver na África devido à pressão das sanções. Os países africanos podem recriar o movimento não alinhado devido à pressão do Ocidente sobre a questão das sanções anti-russas. Isso foi afirmado em um artigo dos colonistas de Política Externa Robbie Gramer e Jack Deutsch. “A pressão aberta de Washington e da UE pode ser um tiro na perna, especialmente quando vem conosco ou contra nós”, diz o artigo. Nota-se que já existem discussões nos círculos políticos africanos sobre a necessidade de reviver o movimento não alinhado para evitar pressões de países ocidentais. Mais cedo, o embaixador russo em Angola, Vladimir Tararov, disse que os países ocidentais estão pressionando os estados africanos, exigindo a condenação das ações da Rússia na Ucrânia.

A matéria acima citada é uma espécie de recado/protesto da insatisfação e indignação dos estados africanos em relação as chantagens do ocidente no que diz respeito às pressões advindas

no contexto do conflito militar na Ucrânia. O fim da colonização direta do continente africano pelos estados europeus foi um evento tão recente, tanto assim que o Zimbábue por exemplo, tornou-se independente do Reino Unido apenas em 1980, as memórias da colonização ainda permanecem frescas nas mentes daqueles que governam e de uma parte considerável das populações. Ao cogitarem em recriar o movimento não alinhado os estados africanos pretendem enviar uma mensagem a União Europeia e ao Ocidente no geral que o continente não é mais uma colônia europeia e nem uma área de influência destes, mas que os estados africanos têm personalidades jurídicas internacionais e têm o direito de tomar suas próprias decisões. Ainda, durante a visita do ministro das relações exteriores do Mali a Moscovo, relatou Sergey Lavrov:

O governante russo aproveitou para criticar "os vestígios da mentalidade colonial" de alguns membros da União Europeia, em particular da França, que tentam impedir Moscovo de cooperar com os países do continente africano."Agora nossos colegas franceses estão a tentar ditar ao Mali com quem eles podem interagir e com quem eles estão proibidos. Isso é inaceitável. África é a zona de responsabilidade, a zona de influência, de interesses da União Europeia. Mas eu, claro, não posso aceitar tais argumentos", venceu Lavrov.

A matéria do jornal de Angola destaca as palavras do chanceler maliano dizendo o seguinte: "Diop acusou as forças ocidentais de apoiar vários golpes no país africano, razão pela qual em 15 de maio o Governo do Mali anunciou a sua retirada de todos os órgãos da coligação antiterrorista G5 Sahel." O ministro das relações exteriores da Federação russa, em entrevista a RT arabic, 26/05/2022 rebateu: "Na África, o potencial de seus recursos naturais colossais e mais ricos foi retido pelos colonialistas e retido pelo período do neocolonialismo que ainda não terminou. Portanto, a África também está agora levantando sua voz." Em 25/05/2022 a RT publicou uma matéria em que o chanceler russo, em entrevista ao Ria Novosti salientou, "Os países africanos assumem uma posição equilibrada e objetiva sobre a situação em torno da Ucrânia. Isso foi afirmado pelo ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov." Continua a matéria:

"Observo com satisfação que os países africanos assumem uma posição equilibrada e objetiva em relação ao que está acontecendo na Ucrânia e ao redor dela", disse ele à RIA Novosti durante um discurso em um evento dedicado à celebração do Dia da África. Lavrov acrescentou que "a linha de comportamento sem cerimônia dos países ocidentais" causa rejeição aberta dos países africanos. Mais cedo, o presidente da República da África do Sul, Cyril Ramaphosa, disse que as sanções anti-russas do ocidente são prejudiciais a África do Sul.

O atual presidente da União Africana (UA) e presidente do Senegal, Macky Sall, esteve em Sochi-Rússia onde se reuniu com o seu homólogo russo Vladimir Putin, durante a Reunião Sall salientou que as sanções ocidentais estão a impossibilitar o acesso dos países africanos aos grãos e fertilizantes russos muito necessários para o continente. "O chefe de estado senegalês,

que no encontro está a representar os 53 países que compõem a União Africana, pediu também para que o setor dos alimentos fique "fora das sanções" impostas pelo Ocidente à Rússia". Segundo o Jornal de Angola, 03/06/2022. \*Recapitulando a matéria sobre os serviços alfandegários angolano vs EUA, o jornal econômico prossegue: "Angola insiste. Em julho, Angola explicou que submeteu uma notificação em setembro do ano passado, ainda assim os membros pediram notificações apropriadas, Angola voltou a não ceder e insistiu em manter as declarações de julho". Segundo a matéria, as declarações de julho de Angola contrariavam as declarações dos EUA e da UE.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abriremos as nossas considerações finais com as palavras de Sergey Lavrov, ministro dos negócios estrangeiros da Federação Russa:

*"A África tem 1,4 bilhão de pessoas. Esta é a China, esta é a Índia, esta é a parte mais poderosa do mundo moderno. E provavelmente o mercado mais promissor. Portanto, empresas de visão de longo prazo, estados de visão de longo prazo, é claro, estão construindo uma estratégia de longo prazo para a África, partindo do fato de que este é o continente do futuro." Sergey Victorovich Lavrov, ministro dos negócios estrangeiros da Federação russa, durante uma entrevista ao RT, 20/07/2022.*

"Ao contrário dos americanos, que, viajando pela África, dizem constantemente: não se comuniquem nem com os chineses nem com os russos, nós nunca dissemos a eles: Não sejam amigos da América, não sejam amigos de mais ninguém." *Sergey Victorovich Lavrov, ministro dos negócios estrangeiros da Federação russa, durante uma entrevista ao RT, 20/07/2022.*

O fato de não existir nenhuma ex-colônia russa em África já responderia em parte a nossa pergunta introdutória. Portanto, depois de estando reunidos e expostos os dados que servem de base deste artigo, podemos salientar que África como região não se aliou ao polo ocidental nas suas investidas contra a Rússia, salvo alguns países dentro continente. Apesar de todas as pressões, chantagens e ameaças, a África como um coletivo não se curvou as persuasões dos Estados Unidos e seus fiéis seguidores europeus. A União Africana, constituída por 55 países e um bilhão e quatrocentos milhões de pessoas não aderiu as sanções contra a Rússia, porém o continente também não manifestou nenhum sinal de apoio ou aliança com o polo eurasiático e isso tem sua razão de ser. Os estados africanos até certo ponto já se aperceberam que jogar o jogo do Ocidente seria como lacrar a caixa do servilismo eterno, uma vez que Rússia e também a China são os redutos mais fortes (militar e econômico) contra a hegemonia e ordem ocidental unipolar ditado pelos EUA e obedecido as riscas pela UE, protetorado do império. A politização e discriminação dos russos em sectores como cultura, desportos, e etc, lembra aos africanos a

sua própria condição e a condição dos afrodescendentes no mundo ocidental. A exagerada russofobia no Ocidente em certa medida lembra aos africanos da africanofobia, que ainda é muito ativa nestas sociedades, parece não ter nada a ver com a guerra, mas sim com um sentimento de grandeza/supremacia étnico-cultural ocidental que para afirmá-lo seja automaticamente necessário excluir, inferiorizar e desumanizar os grupos tidos como outros, particularmente aqueles que ousam desafiá-los, a exemplo dos russos. Os estados africanos obviamente estão cansados de viver sob pressões ocidentais, chantagens, ameaças, mudanças de regimes, acordos econômicos de benefício unilateral (do ocidente).

A posição equilibrada e de neutralidade dos estados africanos não é um sinal de apoio ou aliança com a Rússia e muito menos um sinal de apoio as operações militares do país euroasiático na Ucrânia, pois não se trata do Oriente ou Ocidente, se trata do próprio interesse dos africanos e do olhar endógeno para África e para o mundo a partir da visão dos próprios africanos. Na formação do mundo multipolar em ascensão a África não pretende se posicionar como uma zona de disputa de influências, a exemplo do que aconteceu durante a guerra fria nas vésperas de independência dos estados africanos, os estados africanos, atualmente mais sólidos e integralizados uns com os outros já se aperceberam que a defesa de posições e interesses comuns na arena internacional é um caminho viável para que se faça respeitável as posições dos africanos. Ou seja, a África ambiciona ser um dos polos, não mais uma zona de influência dos polos. Não obstante, a posição dos africanos não deixa de ser positivo e favorável para os russos a partir da visão russa do conflito, não foi por acaso que o chanceler russo Lavrov felicitou a posição do continente diante da situação em torno da Ucrânia, isso porque abstenção e neutralidade de uma região do mundo com mais de cinco dezenas de países e com tal potencial demográfico expõe os limites da hegemonia dos EUA e alivia a situação econômica russa que vem sofrendo pesadas sanções por parte dos países ocidentais, com efeito bumerangue por parte dos sancionadores, particularmente a Europa. Se por um lado, a posição equilibrada da África em relação às operações militares especiais russas na Ucrânia se deve aos interesses dos próprios estados africanos e é vista com bom grado pela Rússia, o mesmo não se pode dizer dos Estados Unidos e seus protetorados europeus, um polo cujo a posição da África expõe os limites, senão mesmo o declínio do mundo unipolar liderado pelos EUA e evidencia a derrocada da influência neocolonial europeia dentro do continente africano. A África, região do mundo cujo muitos analistas equivocados pelo mundo a fora diziam ser a primeira a sucumbir a pressão ocidental com o eclodir da operação militar russa na Ucrânia, está dando uma espécie de lição geopolítica aos países europeus colocando os interesses das suas sociedades acima dos

caprichos hegemônicos e unilaterais dos EUA. As previsões errôneas dos analistas em relação a posição da África não surpreendem, uma vez que se trata de analistas guiados por ideias preconcebidas em relação ao continente, em detrimento dos próprios fatos geopolíticos e sociais que moldam as atuais políticas externas dos países africanos.

Sejamos sensatos, embora a União Africana (UA) não tenha manifestado nenhum tipo de apoio a Rússia, e é o certo, porém tal posição de abstenção e equilíbrio é um flerte dos estados africanos com a multipolaridade, uma vez que é vista com bons olhos pelos russos, que são os que de fato têm levado a bandeira da multipolaridade adiante. Seria um desastre geoestratégico um continente que sofre a séculos com a dominação ocidental se aliar ao ocidente e defender a manutenção de uma ordem mundial que em nada acrescenta aos africanos. As inúmeras sanções impostas a Rússia pelo Ocidente sob orientação dos EUA não passaram pela aprovação da assembleia geral das Nações Unidas, pelo que são unilaterais, ilegais e longe dos interesses dos africanos. Os estados africanos têm inúmeras necessidades, dentre elas as alimentares, que inclui os cereais e fertilizantes russos, os de saúde, que incluem as vacinas russas contra COVID e outras doenças endêmicas na região, a exemplo da febre amarela, a de segurança, espacial, etc, cujos os produtos, insumos e serviços mais baratos e acessíveis são fornecidos pela Rússia e também pela China. Essas necessidades, esses produtos e serviços não podem ser simplesmente descartados afim de satisfazer os interesses de um polo supremacista, colonialista e imperialista.

Acontece que a África precisa e necessita cooperar com todos os polos supracitados, porém, dentro do princípio da igualdade das vantagens, quando ficam salvaguardados os direitos, interesses, respeito e soberania dos estados e das sociedades africanas. Não é imperativo aos africanos se aliarem ao polo ocidental ou euroasiático, aos EUA e Europa ou a China e Rússia, visto que cada um dos polos representa seus próprios interesses, porém, é imperativo aos africanos a integralização entre os países africanos e posições mais unidas e comuns na arena Internacional. Se a posição de equilíbrio é a mais ideal para os interesses dos africanos, um possível alinhamento as posições ocidentais diante das operações militares especiais russas na Ucrânia seria a que menos interessa aos estados africanos, pois seria o alinhamento ao unipolarismo estado-unidense, ao unilateralismo euro-americano, a ditadura supranacional, ao neocolonialismo, ao imperialismo, etnocentrismo e aos ideais supremacistas ocidentais. O ocidente já deu tudo o que tinha a oferecer aos africanos, ou seja, invasões, saques, genocídios, etnocídios, escravização, colonização, subalternização e racismo.

## **6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

A BATALHA de Cuito Cuanavale: Uma proeza do internacionalismo cubano. **MST**. Informação disponível em: < <https://mst.org.br/2022/03/25/a-batalha-de-cuito-cuanavale-uma-proeza-do-internacionalismo-cubano/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2026.

ÁFRICA avança para ser a maior zona de comércio livre do mundo. **Novo jornal**, 02 de jan. 2021. Disponível em < <https://novojournal.co.ao/economia/interior/africa-avanca-para-ser-a-maior-zona-de-comercio-livre-do-mundo-99214.html> > Acesso em 22 de jul. 2022.

A DESCOLONIZAÇÃO da África: nacionalismo e socialismo. **Revista USP**. Disponível em:

< <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/158261#:~:text=A%20DESCOLONIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20%C3%81FRICA%3A%20NACIONALISMO%20E%20SOCIALISMO,Autores&text=Nesta%20art%C3%A7%C3%A3o%2C%20as%20ideias%20socialistas,fim%20da%20d%C3%A9cada%20de%201970>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2026.

A ÁFRICA no contexto da crise da Ucrânia | Guadi Calvo. **Dossier Sul**, 18 de març. 2022. Disponível em < <https://dossiersul.com.br/a-africa-no-contexto-da-crise-da-ucrania-guadi-calvo/>> Acesso em 22 de jul. 2022.

ANGOSAT-2 já foi lançado em órbita. **Jornal de Angola**. Informação disponível em: < <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/angosat-2-ja-foi-lancado-em-orbita/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2023.

AS TAREFAS geográficas serão levadas ainda mais longe”: Lavrov em entrevista à **RT** - sobre o curso da NWO e a posição negocial de Kyiv. **RT**, 20 de jul. 2022. Disponível em < <https://russian.rt.com/world/article/1028099-lavrov-rt-specoperaciya-ukraina-sankcii>>. Acesso em 22 de jul. 2022.

CÁPRIO, Marcos. **Sociologia das Relações Internacionais: potenciais de uma abordagem**, em Contribuciones a las Ciencias Sociales, mayo 2011.

CONFLITOS no Ocidente causam mais indignação e comoção? **DW**. Informação disponível em: < <https://www.dw.com/pt-002/porque-os-conflitos-no-ocidente-causam-mais-indigna%C3%A7%C3%A3o-do-que-as-guerras-em-%C3%A1frica/a-61055621>>. Acesso em 26 de janeiro de 2023.

COMO A EXPANSÃO DA OTAN levou a guerra da Rússia contra a Ucrânia. **UOL**. Informação disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/02/26/como-a-expansao-da-otan-levou-a-guerra-da-russia-contr-ucrania.htm>>. Acesso em:26 de janeiro de 2023.

COVID-19: Rússia doa 25 mil doses de vacinas a Angola. **Jornal de Angola**. Informação disponível em: < <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/covid-19-russia-doa-25-mil-doses-de-vacinas-a-angola/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2023

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**, v 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994b.

ENERGIA domina visita de Dmitri Medvedev a Angola. **Jornal de Angola**. Informação disponível em: < <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=348727>> Acesso em 26 de janeiro de 2023.

EUA, RÚSSIA e UE voltam a pressionar Angola. **Valor econômico**,17 de nov. 2020. Disponível em <<https://valoreconomico.co.ao/artigo/eua-russia-e-uniao-europeia-voltam-a-pressionar-angola>> Acesso em 22 de jul.2022.

FALOLA, Toyin. **Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África**. Afro-Ásia, núm. 36, 2007, pp. 9-38 Universidade Federal da Bahia, Brasil.

FMI afirma que protecionismo dos EUA já afeta a economia global. **Agência Brasil**, 01 de out. 2018. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-10/fmi-afirma-que-protecionismo-dos-eua-ja-afeta-economia-global>> Acesso em 22 de jul.2022.

FP: MOVIMENTO não alinhado pode reviver na África devido à pressão das sanções. **RT**, 09 de mai. 2022. Disponível em <<https://russian.rt.com/world/news/1000569-afrika-sankcii-mir>> Acesso em 22 de jul.2022.

FOÉ, Nkolo, **África em diálogo, África em autoquestionamento: universalismo ou provincialismo? “Acomodação de Atlanta” ou iniciativa histórica?** *Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 175-228, jan./mar. 2013. Editora UFPR.*

HOILENDRE, Vicente-Jean. **Raymond Aron e a Sociologia das Relações Internacionais**. Relações Internacionais, 2012.

LAUER, Helen, **sobre a própria ideia de uma tradição do conhecimento ocidental: analisando afirmações que lidam com o regresso econômico na África**. Capítulo 18. O resgate das ciências sociais e humanas, e das humanidades através da perspectiva africana. Fundação Alexandre de Gusmão Brasília – 2016.

LAVROV: Ocidente quer esquecer princípio de indivisibilidade da segurança. **Tribuna da Imprensa Digital**. Informação disponível em: <<https://www.tribunadaimpressadigital.com.br/noticia/lavrov-ocidente-quer-esquecer-principio-de-indivisibilidade-da-seguranca>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

MALI: Rússia negocia envio de armas, trigo e petróleo. **Jornal de Angola**, 20 de mai. 2022. Disponível em <<https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/mali-russia-negoceia-envio-de-armas-trigo-e-petroleo/>> Acesso em 22 de jul. 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufRJ | n. 32 | dezembro 2016.

MERKEL reitera que os Acordos de Minsk foram assinados para "dar tempo à Ucrânia para se fortalecer. **RT**. Informação disponível em: <<https://actualidad.rt.com/actualidad/453399-merkel-acuerdos-minsk-darle-tiempo-ucrania-fuerte>>. Acesso em:26 de janeiro de 2023.

NAÇÕES africanas no Conselho de Segurança condenam racismo na fronteira ucraniana. **Cnn Brasil**. Informação disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/nacoes-africanas-no-conselho-de-seguranca-condenam-racismo-na-fronteira-ucraniana/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2023.

O EQUILÍBRIO necessário da Rússia. **Jornal de Angola**. Informação disponível em: <<https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=348727>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

OCIDENTE pressiona países africanos para que condenem a Rússia, diz embaixador da Rússia em Angola. **Sputnik Brasil**, 03 de mai. 2022. Disponível em

<<https://br.sputniknews.com/20220502/ocidente-pressiona-paises-africanos-para-que-condenem-a-russia-diz-embaixador-de-angola-22499017.html>> Acesso em 22 de jul. 2022.

O PROTECIONISMO comercial dos Estados Unidos. **Coface for tarde**, [S.D]. Disponível em <<https://www.coface.com.br/Noticias-Publicacoes/Publicacoes/O-Protecionismo-comercial-dos-Estados-Unidos>> Acesso em 22 de jul.2022.

PROTECIONISMO de Trump ameaça sistema multilateral de comércio. **El país**, 29 de jan. 2017. Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/28/economia/1485628215\\_357220.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/28/economia/1485628215_357220.html)> Acesso em 22 de jul. 2022.

OS HÁBITOS COLONIAIS não desapareceram em lugar nenhum”: Lavrov em entrevista à **RT Arabic** - sobre a mentalidade do Ocidente, do Oriente Árabe e da Ucrânia. RT, 26 de mai. 2022. Disponível em <<https://russian.rt.com/world/article/1007637-lavrov-rt-arabic-zapad-ukraina>> Acesso em 22 de jul. 2022.

PUTIN discutiu com o líder de Angola uma operação especial na Ucrânia. **RT**, 28 de abril de 2022. Disponível em <<https://russian.rt.com/world/news/996486-putin-angola-celi-specoperacii>> Acesso em 22 de jul. 2022.

*RÚSSIA concede mais bolsas de estudo a Angola. Embaixada de Angola em Portugal.* Informação disponível em: <<http://www.embaixadadeangola.pt/russia-concede-mais-bolsas-de-estudo-angola/>> Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

RÚSSIA estabelecerá novo recorde na colheita de trigo em 2022. **QazaqZerno**, [S.D]. Disponível em <<https://kazakh-zerno.net/193549-rossija-ustanovit-novyj-rekord-v-sbore-pshenicy-v-2022-godu/>> Acesso em 22 de jul.2022.

SATO, Eiiti. **As Relações Internacionais, a Sociologia e os debates correntes sobre conflito, cooperação e mudanças na ordem internacional.** Rev. Cena Int. 7 (1): 7-26 [2005].

UE está dividida sobre limite de preço ao gás, com 12 países criticando última proposta. **Cnn Brasil**. Informação disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/ue-esta-dividida-sobre-limite-de-preco-ao-gas-com-12-paises-criticando-ultima-proposta/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2023.